



# As traduções da Bíblia publicadas pela Sociedade Bíblica do Brasil: breve histórico e características

*Bible Translations by the Bible Society of Brazil:  
historical survey and characteristics*

**Vilson Scholz\***

Universidade Luterana de Canoas, (ULBRA), Canoas, RS, Brasil

---

## Resumo

Fundada em 1948 para dar continuidade à obra de distribuição da Bíblia no Brasil, que havia sido iniciada por outras sociedades bíblicas, a Sociedade Bíblica do Brasil distribuiu duas edições da tradução de Almeida, a Tradução Brasileira e a Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Cada um desses textos tem a sua história e as suas características. O propósito deste artigo é apresentar brevemente a história e as características de cada uma dessas traduções.

**Palavras-chave:** Almeida como tradutor da Bíblia. Bíblia de Almeida Revista e Corrigida. Almeida Revista e Atualizada. Bíblia na Linguagem de Hoje.

---

\*VS: Doutor em Teologia, e-mail: vscholz@uol.com.br

**Abstract**

Since 1948, when it was founded to carry on the work of Bible distribution in Brazil, which had been initiated by other Bible societies, the Bible Society of Brazil has been distributing two editions of Almeida's translation, as well as the *Tradução Brasileira* (Brazilian Translation) and the *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (New Translation in Today's Language). Each one of these texts has its own history and peculiarities. This essay aims to present in summary fashion the history and the characteristics of each of these Bible translations.

**Keywords:** Almeida as Bible translator into Portuguese. Various editions of Almeida's Bible translation. Common Language Bible Translation in Brazil.

---

**Introdução**

A Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) é provavelmente a maior distribuidora da Bíblia no contexto brasileiro, com números que ultrapassam os sete milhões de exemplares ao ano, sem contar os exemplares do Novo Testamento e outras porções bíblicas. São basicamente três textos da Bíblia que estão disponíveis: duas edições da tradução de João Ferreira de Almeida, a *Revista e Corrigida* e a *Revista e Atualizada*, e a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. A isto se precisa acrescentar a *Tradução Brasileira*, que foi reeditada recentemente pelo seu valor histórico, mas que não se destina a uma distribuição em grande escala.

Qual é, em traços gerais, a história de cada uma destas edições? O que a SBB, organizada em 1948, tem a ver com cada uma delas? Quais são as características dessas traduções ou edições da Bíblia? É o que este breve ensaio procura responder, ainda que em traços bem amplos, mais como um relato de reminiscências pessoais do que propriamente um trabalho de detalhada documentação.

## João Ferreira Annes de Almeida

A primeira tradução portuguesa de grande parte da Bíblia (todo o Novo Testamento e o Antigo Testamento até Ezequiel 48) é de João Ferreira de Almeida. Seu nome completo incluía Annes: João Ferreira Annes d'Almeida. Por vezes esse Annes era abreviado (A.) e, no mais das vezes, simplesmente omitido. A rigor, apenas recentemente, como fruto da exaustiva pesquisa de Herculano Alves, de Portugal, se fez este resgate histórico (ALVES, 2006, p. 162). Almeida nasceu em Torre de Tavares, Portugal, e acabou sendo pastor da Igreja Reformada Holandesa, na cidade de Batávia (a moderna Jacarta), na ilha de Java (hoje parte da Indonésia). Quanto à formação teológica, Almeida era calvinista e gostava de uma boa polêmica. Mas notabilizou-se como tradutor, especialmente tradutor da Bíblia. A *editio princeps* do Novo Testamento em português é de 1681, e foi impressa em Amsterdã. Em nosso tempo foi digitalizada pela Biblioteca Nacional de Lisboa e está disponível na Internet. Almeida continuou sua tarefa de tradução da Bíblia e, ao morrer, dez anos depois, em 1691, havia chegado até Ezequiel 48.21. O restante do Antigo Testamento foi traduzido ao longo de três anos por um colega holandês de Almeida, chamado Jakobus op den Akker. No entanto, a Bíblia completa só viria a ser publicada mais de cinquenta anos depois da morte de Almeida, em dois volumes: o primeiro, em 1748; o segundo, em 1753 (CADAFAZ DE MATOS, 2002, p. LXX). A Bíblia em um volume só foi publicada em 1819.

A tradução de Almeida nasceu com necessidade de correções, em grande parte de ordem gráfica. Ao receber os exemplares do Novo Testamento no Oriente, Almeida ficou frustrado. Pôs-se, então, a corrigir os erros à mão, incluiu no prefácio uma “advertência ao pio leitor”, e o Novo Testamento entrou em circulação, com essas emendas, em 1683.

## Almeida Revista e Corrigida

Seria enfadonho historiar todas as revisões feitas ao texto da tradução de Almeida. Basta dizer que em meados do século XVII, ainda na ilha de Java, fez-se uma revisão de toda a Bíblia traduzida por Almeida. A segunda grande revisão, chamada de revisão de Londres, foi feita cem anos mais tarde, entre 1869 e 1875. Vinte anos depois, em 1894, ainda em Londres, o mesmo texto passou por revisão ortográfica, havendo ainda a substituição de alguns termos obsoletos. A edição de 1898, feita em Lisboa, viria a ser conhecida como Almeida Revista e Corrigida.

Este texto de Almeida, uma tradução bíblica já pronta, foi resgatado pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, quando ela, que foi fundada em 1804, começou a fazer a distribuição da Bíblia em países de fala portuguesa, em 1809 (GIRALDI, 2008, p. 33). Depois, em 1816, foi fundada a Sociedade Bíblica Americana. Ambas passaram a atuar no Brasil, distribuindo basicamente a tradução de Almeida.

Isto significa que, muito antes de ser ter criado o nome “Almeida Revista e Corrigida” e ainda antes da fundação da SBB, em 1948, o texto da tradução de Almeida já vinha sendo distribuído, no Brasil, por duas sociedades bíblicas: a Britânica e a Americana. Ainda hoje a Revista e Corrigida é adotada por grande número de igrejas evangélicas, tanto no Brasil como em Portugal. No Brasil, esse texto sofreu pequenos ajustes em 1995. Até uma data recente, era a edição de Almeida mais distribuída pela SBB. Hoje, perdeu este posto para a Almeida Revista e Atualizada. Mas continua sendo o texto preferido da maioria dos pregadores que aparecem na TV.

Que tipo de texto é esse? Não será preciso um grande esforço de imaginação para concluir que se trata de um texto arcaico, pois tem em sua essência mais de 300 anos. Também é desnecessário dizer que se trata de uma tradução de equivalência formal, que na medida do possível, mantém a estrutura do texto original, pois esta era a única forma de se fazer tradução naquela época.

No caso do Novo Testamento, a Almeida Revista e Corrigida reflete o *textus receptus*, aquela edição do texto grego iniciada por Erasmo de Roterdã e feita a partir de um número reduzido de manuscritos,

copiados, a maioria deles, no final da Idade Média. Como acontece no mundo de fala inglesa, também em nosso meio a defesa do “texto recebido” é feita em função da tradução preferida, e não porque se chegou a uma conclusão ponderada no âmbito da crítica textual, por meio do exame da evidência. Cabe ressaltar que as Sociedades Bíblicas oficialmente abandonaram o “texto recebido” em 1904. Mas como sua missão é servir todas as igrejas (e não mudar a opinião delas sobre isto ou aquilo), a Sociedade Bíblica ainda imprime Bíblias que, no Novo Testamento, seguem o *textus receptus*. Este é o caso da Almeida Revista e Corrigida.

## Tradução Brasileira

A Tradução Brasileira, como o próprio nome diz, foi feita no Brasil. Trata-se do primeiro projeto de tradução de toda a Bíblia, no cânone protestante, desenvolvido no Brasil. A tradução teve início em 1903 e foi concluída em 1914. No entanto, por causa da Primeira Guerra Mundial, só veio a ser publicada em 1917. Antes disto, em 1908, havia sido publicada tradução do Novo Testamento.

A comissão de tradução foi integrada por pastores evangélicos brasileiros e missionários norte-americanos, o que permite a conclusão de que era essencialmente um projeto da Sociedade Bíblica Americana. Um fato sempre de novo ressaltado é que esse projeto teve a participação de gente ilustre como Rui Barbosa, José Veríssimo e Heráclito Graça, na condição de consultores linguísticos.

A Tradução Brasileira ficou conhecida como Versão Brasileira ou Versão Fiel. Muitos a chamavam de “Bíblia Tira-Teima”, por sua suposta fidelidade aos originais, particularmente quanto à forma. Uma de suas características, e também um de seus problemas, era a transliteração dos nomes de pessoas, tornando muito difícil a leitura, especialmente em voz alta.

Em meados do século XX, quando as sociedades bíblicas que atuavam no Brasil, a Britânica e a Americana se viram diante da necessidade de providenciar um texto bíblico mais atualizado, consideraram

a hipótese de mexer na Tradução Brasileira. Acabaram optando por atualizar a tradução de Almeida, entre outras razões porque tinha uma história mais longa e rica do que a Tradução Brasileira. Com isto, a Tradução Brasileira foi retirada de circulação e, em grande parte, esquecida. Pessoalmente, só fiquei sabendo de sua existência em data bem recente, já no século XXI, quando, em 2010, a SBB decidiu relançá-la, com alguns ajustes (incluindo a alteração da grafia dos nomes, que foram alinhados com o que se tem na Bíblia de Almeida).

No entanto, como será mostrado mais adiante, parte da Tradução Brasileira sobrevive na Almeida Revista e Atualizada. Segundo depoimento de membros da comissão que preparou a Almeida Atualizada, em muitos momentos, quando entendiam que a Tradução Brasileira expressava bem o sentido do texto original, simplesmente adotaram o texto da mesma.

## **Almeida Revista e Atualizada**

A decisão de fazer uma revisão e atualização do texto da Bíblia de Almeida, no Brasil, foi tomada em 1943, cinco anos antes da fundação da SBB. Cabe lembrar que, na época, atuavam no Brasil duas sociedades bíblicas: a Britânica e a Americana. A revisão do Novo Testamento, da qual participaram eminentes biblistas evangélicos, foi concluída em 1951. É bem verdade que a revisão não teve início imediatamente após a decisão, em 1943, mas nem mesmo isto ajuda a abrandar a impressão de que foi um processo demorado. Em parte, porque a comissão revisora era enorme. A rigor, haviam constituído uma comissão de helenistas, outra de hebraístas e ainda, uma terceira de vernaculistas. Além disso, não havia uma equipe que se dedicasse à revisão em regime de tempo integral.

Antecipando que a revisão do Antigo Testamento levaria muito mais tempo, caso fosse conduzida nos moldes da revisão do Novo Testamento, a Sociedade Bíblica Americana, patrocinadora do projeto e representada por Eugene Nida, decidiu que o trabalho deveria ser feito num ritmo mais acelerado. Para tanto, era necessário constituir uma

equipe reduzida de revisores, que trabalhasse em regime de tempo integral. Foi o que se fez: escolheram Paul William Schelp — pastor luterano, professor do Seminário Concórdia de Porto Alegre — e Antonio de Campos Gonçalves — pastor metodista e funcionário da Sociedade Bíblica, renomado vernaculista. Trabalhando na então sede da SBB, no Rio de Janeiro, essa dupla, assessorada por um grupo de biblistas ou consultores externos, concluiu a revisão do Antigo Testamento em três anos, de 1953 a 1956. Dificuldades relacionadas com a impressão, especialmente a falta de papel Bíblia no Brasil, fizeram com que o texto só viesse a ser publicado em 1959.

A atualização do texto de Almeida foi feita no Brasil e somente pelo Brasil. Em outras palavras, Portugal não participou do projeto e, por isso, até hoje o texto de Almeida utilizado por lá é o da Revista e Corrigida. Além disto, como o texto da Revista e Corrigida é anterior à fundação da SBB (e não está sob o “controle” exclusivo da SBB em termos de copyright), a tradução ou edição de Almeida que caracteriza a SBB é a Revista e Atualizada, que é só da SBB.

Quanto aos objetivos, os membros da comissão se expressaram assim: “linguagem de hoje sem desnaturar certa linguagem bem antiga e tudo sem fugir ao original” (GONÇALVES, 1959, p. 127). Percebe-se que este é um alvo difícil de atingir: usar a linguagem de hoje sem desnaturar certa linguagem bem antiga. Na prática, resultou num texto que ainda contém arcaísmos e, em certos momentos, é mais complexo do que a Revista e Corrigida.

Entendiam os membros da comissão revisora Atualizada que a tradução de Almeida refletia um português oriental, na medida em que a tradução tinha sido feita no Oriente. Portanto, cabia *desorientar* a tradução de Almeida. É bem possível que isso tenha sido alcançado. No entanto, também é verdade que o estilo é o do português lusitano. Até porque, naquele tempo não se estava tão consciente quanto hoje de que existe uma variante brasileira da língua portuguesa. Isto permite dizer que a Almeida Revista e Atualizada está mais para José Saramago do que para Milton Hatoum ou Daniel Galera.

O grande diferencial e mérito da Almeida Revista e Atualizada — desconhecido por muitos — é a sua legibilidade e sonoridade. Ela foi

feita para ser lida em voz alta. Entendiam os revisores que a Bíblia seria mais ouvida nos púlpitos, os auditórios, no rádio, do que propriamente lida. Assim, os revisores trataram de reduzir ao máximo os trava-línguas ou sílabas difíceis de pronunciar, pelo acúmulo de consoantes, e os cacófatos ou desagradados cacofônicos. Como se sabe, um cacófato é uma combinação de sílabas ou palavras que, na escrita, não apresenta maiores problemas, mas que, ao ser lida, tem um sentido equívoco ou pode até soar obsceno. Assim, por exemplo, a expressão “homens de pouca fé” passou a ser redigida como “homens de pequenina fé”, para que não aparecesse um “café” na Bíblia. Também a sequência “ali se”, que pode ser ouvida como “Alice”, foi de todo eliminada. Um exemplo disto aparece em Esdras 8,25, que, na antiga Almeida, diz: “e todo o Israel *ali se* achou”. Isto foi alterado para “e todo o Israel que se achou ali”.

Outra característica de Almeida Revista e Atualizada é a locução “a vós outros”, que aparece apenas quatro vezes na Revista e Corrigida, porém 232 vezes na Revista e Atualizada. Como explicar isto? Acontece que os revisores quiseram impedir a compreensão desse “a vós” no sentido de “avós” ou “a voz”, levando-os a preferir a combinação “a vós outros”. Diga-se de passagem que esta formulação aparece também nos escritos de Almeida, do século XVII, só que não com tanta frequência.

Em olhar retrospectivo, pode-se dizer que a preocupação com os desagradados cacofônicos era perfeitamente válida, mas os revisores como que exageraram na dose, eliminando até combinações que dificilmente seriam percebidas como “desagradáveis”, a menos que os ouvintes estivessem ou fossem avisados.

Além da eliminação dos desagradados cacofônicos, o tetragrama ou nome de Deus no Antigo Testamento foi traduzido por SENHOR e impresso em versalete, isto é, com letras maiúsculas. Também a primeira letra da palavra que inicia um parágrafo foi impressa em negrito. E os textos poéticos, como por exemplo, os Salmos, passaram a ser impressos como poesia.

Quanto ao Novo Testamento, a Revista e Atualizada segue o assim chamado “texto crítico”, que leva em conta também os manuscritos gregos mais antigos, descobertos ao longo dos últimos séculos. Na prática, o “texto crítico” tende a ser mais breve do que o “texto recebido”,

que era o único que se conhecia no tempo de Almeida, no século XVII. Todo material que constava do texto de Almeida, no século XVII (e que ainda se encontra na Revista e Corrigida), mas que não mais é visto como parte do texto original, aparece, na Revista e Atualizada, entre colchetes. É o caso, por exemplo, do famoso “parêntese joanino”, em 1João 5.7-8, um texto que não aparece em nenhum manuscrito grego anterior ao século XIV. A presença desses colchetes ainda irrita muita gente e pode até ser vista como um dos fatores de resistência à Almeida Revista e Atualizada.

É difícil de quantificar em que proporção a Atualizada difere da Corrigida. Há quem calcule que seja da ordem de trinta por cento.

## **O futuro da Almeida Revista e Atualizada**

Se é verdade que a Revista e Atualizada se destaca pela legibilidade e sonoridade, nem sempre ela prima pela inteligibilidade. A rigor, produzir um texto mais acessível à grande maioria dos brasileiros não foi a intenção dos revisores. Tinham sim, a intenção de ajudar a moldar o português erudito no Brasil (tentar fazer no Brasil o que a tradução de Lutero havia feito ao alemão e o que a King James Version havia feito ao inglês). Por alguma razão acreditava-se, na metade do século XX, que o nível educacional da população brasileira subiria, a ponto de todos poderem entender o texto da Almeida. Assim, o vocabulário da Almeida é amplo, chegando a mais de oito mil palavras diferentes, quando em média as pessoas fazem uso de umas três mil palavras em seu dia a dia. Isto tornou necessária a elaboração de um Dicionário da Bíblia de Almeida, publicado pela SBB. Além disso, os revisores decidiram usar muitos sinônimos. Num mesmo contexto, a mesma palavra do original pode ser traduzida de duas ou três formas diferentes.

Para, entre outros motivos, tornar obsoleto este Dicionário da Bíblia de Almeida, a SBB lançou o projeto de uma nova revisão do texto de Almeida, que está em andamento. Desta vez, trata-se de uma atualização da Atualizada. Como principais objetivos, pode-se elencar o seguinte: substituir termos que requerem consulta ao dicionário, sem

mexer nos termos mais técnicos, como redenção, justificação, etc.; escrever como se escreve o português culto no Brasil de nossos dias, o que significa, por exemplo, a eliminação de mesóclises (como “dar-lhes-ei”) e de formas do pretérito mais-que-perfeito simples (como “dissera”); colocar os termos da frase em ordem direta, seguindo a índole do português (“Moisés disse”, e não “disse Moisés”); empregar “você” e “vocês”, exceto em orações ou palavras dirigidas a Deus (onde se continua a usar o “tu”).

Este tipo de atualização da Almeida Revista e Atualizada é muito mais fácil e, espera-se, aceitável à luz do conhecimento e uso da Bíblia na Linguagem de Hoje.

## **A Bíblia na Linguagem de Hoje**

Se fosse necessário apontar para um marco inicial da Bíblia na Linguagem de Hoje, conhecida, desde o ano 2000, como Nova Tradução na Linguagem de Hoje, este poderia ser um pedido feito por uma equipe de tradutores da Bíblia para línguas indígenas na região amazônica. Informados da existência de um projeto de tradução da Bíblia para o espanhol popular (que resultaria na *Dios Habla Hoy*), esses tradutores entraram em contato com a Sociedade Bíblica Americana para saber da possibilidade de conseguir algo semelhante em português. Isto se deu no começo da década de 1960 e resultou num projeto que viria a ser o Novo Testamento na Linguagem de Hoje, lançado em 1973.

Os detalhes da história desta tradução, com muitas idas e vindas, aparecem na obra *40 anos de Bíblia na Linguagem de Hoje* (SCHOLZ, 2013). De forma resumida, pode-se dizer que os primeiros ensaios de tradução foram feitos por brasileiros e falantes do português que moravam nos Estados Unidos, notadamente Robert G. Bratcher, que estava trabalhando num projeto semelhante para a língua inglesa (e que resultaria na *Today's English Version*). O fato de se estar fazendo tradução ao português nos Estados Unidos não foi visto com bons olhos por alguns líderes da Sociedade Bíblica daquele tempo, que entendiam que a tradução teria de ser feita “por brasileiros para brasileiros”. Em razão disso,

o projeto de uma “versão popular” teve de ser abandonado. Foi retomado, no Brasil, em 1966, e o Novo Testamento na Linguagem de Hoje foi publicado no ano do Jubileu de Prata da SBB, em 1973.

Depois do lançamento do Novo Testamento, a comissão de tradução passou à tradução do Antigo Testamento, que foi publicada em 1988. Logo em seguida, como já se haviam passado quinze anos desde a publicação do Novo Testamento, a comissão de tradução decidiu revisar o texto do Novo Testamento. E assim, em 2000, foi lançada essa edição revisada com o nome de Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH). Cabe acrescentar que o texto da NTLH, acrescido dos livros deuterocanônicos, foi cedido a Edições Paulinas e, assim, em 2005, foi publicada a edição católica da Bíblia na Linguagem de Hoje.

A Bíblia na Linguagem de Hoje foi aclamada por muitos e rejeitada com veemência por outros. Embora algumas porções já tivessem sido publicadas antes de 1973 e muitos artigos em revistas evangélicas, especialmente em *A Bíblia no Brasil* (que é uma publicação da SBB), procurassem explicar o que estava sendo preparado, quando o Novo Testamento completo finalmente saiu do prelo as opiniões se dividiram. Num olhar retrospectivo, pode-se dizer que a Bíblia na Linguagem de Hoje pagou o preço pelo pioneirismo. Surgiu numa época em que boa parte do público evangélico brasileiro não contava com a possibilidade de uma nova tradução da Bíblia, muito menos uma tradução tão diferente. Se a Almeida Revista e Atualizada, de meados do século XX já sofreu resistência, por afastar-se da antiga Almeida, ainda que numa proporção de trinta por cento, que dizer de uma tradução em que os leitores da Bíblia não mais encontravam os seus termos teológicos favoritos! A reação foi — e, em muitos casos, continua sendo — “tiraram tudo da Bíblia”. Diante disto surgiu o desafio de mostrar que “nada se perdeu, mas tudo se transformou”.

Que Bíblia é esta, a Tradução na Linguagem de Hoje? Sua principal característica é a adoção do princípio de equivalência dinâmica, por vezes também chamada de equivalência funcional. O princípio é “dinâmico”, porque não se adota uma consistência cega, traduzindo um termo sempre da mesma forma, pouco importando o que significa em diferentes contextos. Pelo contrário, respeitando o contexto e

dando preferência ao parágrafo (e não ao versículo isolado), a *Bíblia na Linguagem de Hoje* traduz o significado dos termos, e não a sua forma, dentro do respectivo contexto. Assim, por exemplo, o termo “carne” (em grego, *sárx*) foi traduzido por “ser humano” em João 1,14, por “pessoas” em Atos 2,17, por “corpo” em Romanos 2,28 e por “a nossa natureza humana” em Romanos 7,5.

Este contexto, além de literário é também comunicacional. Isto significa que, em muitos momentos, a *Bíblia na Linguagem de Hoje* torna explícito o que está implícito, não no texto em si, mas no contexto comunicacional. São informações ou dados que eram conhecidos pelo escritor do texto original e pelos seus primeiros leitores, podendo, por isto, ficar subentendidos. Para o leitor moderno, é importante explicitar esses dados, para que possa formar o contexto correto em que irá inserir a informação que recebe. Assim, por exemplo, para evitar que o leitor pense no continente asiático ao ler o termo “Ásia”, a *Bíblia na Linguagem de Hoje* sistematicamente insere o classificador “província”.

Além de ser uma tradução de equivalência dinâmica, a *Bíblia na Linguagem de Hoje* é, também, uma tradução em “língua comum”. Não se trata, em si, de linguagem simples, por mais que acabe sendo isso também, mas da língua que é comum à maioria dos falantes de uma comunidade linguística. Em nosso caso, língua comum é como que um “meio de campo” do português do Brasil, algo que os mais simples conseguem entender (embora não seja vulgar ou gramaticalmente errado) e que os eruditos podem aceitar (por ser nobre e correto). A língua comum é compreensível à maior parte da população brasileira, tanto em termos geográficos ou diatópicos quanto educacionais ou diastráticos. Na prática isto implica uma redução significativa do vocabulário. Enquanto a tradução de Almeida faz uso de mais de oito mil termos diferentes, na *Bíblia na Linguagem de Hoje* esse número cai para a metade: em torno de quatro mil vocábulos diferentes, em toda a Bíblia. Isto faz com que a tradução seja clara e fácil de entender para a maioria dos falantes do português no Brasil.

Muitos percebem nisto uma “dessacralização”, pois a linguagem não parece ser “bíblica”. Quando a *Bíblia na Linguagem de Hoje* foi lançada, muitos ficaram chocados com o que chamaram de “linguagem de

jornal”. De fato, ela se afasta daquilo que muitos consideram um estilo bíblico, que não é outra coisa senão a retenção de idiotismos bíblicos e da ordem das palavras preferencial das línguas bíblicas — verbo antes do sujeito, por exemplo.

Outra característica da Tradução na Linguagem de Hoje é a “des-metaforização”. Ao perceberem que determinada metáfora bíblica poderia ser obscura para leitores que se encontram nessa faixa de “língua comum”, os tradutores optaram por eliminar a metáfora, expressando o seu significado em linguagem direta. Por exemplo, em 1 Pedro 3,10, diz: “quem quer amar a vida e ver dias felizes ... evite que os seus lábios falem dolosamente”. A Tradução na Linguagem de Hoje eliminou a metáfora dos lábios que falam dolosamente, dizendo “não conte mentiras” (SCHOLZ, 2013, p. 72). Neste caso, ganha-se em clareza, mas perde-se em beleza, algo que se verifica, de modo geral, nos textos poéticos da *Bíblia na Linguagem de Hoje*. Trata-se, no entanto, de uma opção consciente dos tradutores.

Quem está acostumado com traduções mais ao pé da letra ou, então, conhece o texto original, acusa a Tradução na Linguagem de Hoje de ser “infiel”. Neste caso, seria uma infidelidade para com o escritor do texto. Trata-se, é claro, de uma discussão antiga, mas hoje é possível argumentar que existe o que se pode chamar de “fidelidade bilateral” ou “dupla fidelidade”. Além da fidelidade ao escritor do texto, é preciso ser fiel também aos ouvintes. Se os ouvintes (ou leitores) não entendem ou entendem de forma errada o que se traduziu, a tradução acaba sendo infiel ao original, por mais literal que seja (e até mesmo por causa disto).

## **Comparando as traduções publicadas pela SBB**

Em conclusão, apresento um breve estudo comparativo da tradução do início do Salmo 121 (120), nas várias edições do texto de Almeida e nas outras traduções publicadas pela SBB.

Na edição de Almeida do ano de 1819, o texto, preservando a grafia daquela época, é este: “Alço meus olhos a os montes: donde me

virá o socorro. Meu socorro vem de JEHOVAH, que fez o ceo e a terra. Não deixará vacillar teu pé: nem tosquenejará teu Guarda. Eis que não tosquenejará, nem dormirá o Guarda de Israel”.

Além da ortografia típica daquele tempo (ceo, não, vacillar), chama a atenção o uso de JEHOVAH para traduzir (ou, melhor, transcrever) o tetragrama ou nome divino, e a presença de uma forma arcaica do verbo toscanejar: tosquenejar.

Numa edição da Almeida Revista e Corrigida datada de 1940 o texto aparece como segue: “Elevo os meus olhos para os montes: de onde me virá o socorro? O meu socorro *vem* do Senhor, que fez o céu e a terra. Não deixará vacillar o teu pé: aquelle que te guarda não tosquenejará. Eis-que não tosquenejará nem dormirá o guarda d’ Israel”.

Percebe-se que, nesta edição corrigida, as maiores diferenças, além das peculiaridades ortográficas, são a substituição de “alço meus olhos a os montes” por “elevo os meus olhos para os montes” e a tradução do tetragrama por “Senhor”. Cabe lembrar que, em edições mais recentes da Revista e Corrigida, este “Senhor” foi grafado como SENHOR. A forma arcaica “tosquenejará” foi mantida, e, nos moldes da King James Version, a forma verbal *vem* foi posta em itálico, para sinalizar que não corresponde a nada no texto original. Almeida já havia recorrido a este expediente na *editio princeps* do *Novo Testamento*, em 1681.

A Tradução Brasileira de 1917, com atualização ortográfica em 2010, diz: “Elevo os meus olhos para os montes. Donde há de vir o meu socorro? O meu socorro vem de Jeová, que fez o céu e a terra. Ele não permitirá que o teu pé vacile; não dormitará aquele que te guarda. Eis que não dormitará, nem dormirá aquele que guarda a Israel”.

Nota-se a manutenção da consagrada abertura do Salmo: “Elevo os meus olhos para os montes”, que poderia até ser vista como dependência da tradução de Almeida. O tetragrama ou nome divino aparece como Jeová. Em lugar de “não deixará vacilar o teu pé” aparece “ele não permitirá que o teu pé vacile”, e o verbo toscanejar foi substituído por dormitar.

A Almeida Revista e Atualizada, de 1959, traz “Elevo os olhos para os montes: de onde me virá o socorro? O meu socorro vem do

SENHOR, que fez o céu e a terra. Ele não permitirá que os teus pés vacilem; não dormitará aquele que te guarda. É certo que não dormita, nem dorme o guarda de Israel”.

Em comparação com a Revista e Corrigida, nota-se que o tetragrama continua traduzido, só que escrito em versalete (SENHOR), para distingui-lo de “Senhor” (que traduz o hebraico *Adonay*). Mas fica logo evidente a dependência da Tradução Brasileira, tanto na frase “ele não permitirá que os teus pés vacilem” quanto no uso do verbo dormitar.

Por fim, a Nova Tradução na Linguagem de Hoje diz: “Olho para os montes e pergunto: ‘De onde virá o meu socorro?’ O meu socorro vem do SENHOR Deus, que fez o céu e a terra. Ele, o seu protetor, está sempre alerta e não deixará que você caia. O protetor do povo de Israel nunca dorme, nem cochila”.

Aqui, em vez de elevar os olhos, o salmista olha. Para não deixar dúvidas a respeito do autor da pergunta, a tradução explícita e diz: “*pergunto*: De onde virá o meu socorro?” Na medida em que SENHOR poderia ser ouvido como um simples Sr., por mais que a continuação do texto feche o significado, os tradutores preferiram, neste e em muitos outros casos, dizer “SENHOR Deus”. O termo “guarda” foi atualizado para “protetor” e o verbo toscanejar/dormitar foi atualizado para cochilar. O significado de “não deixar que os pés vacilem” foi expresso de forma não metafórica: “não deixará que você caia”. Como de costume, ficou mais claro, mas perdeu a beleza. E, como em tantos casos na NTLH, quando não se pode reter a beleza e a clareza, optou-se por manter a clareza.

## Referências

ALVES, H. *A Bíblia de João Ferreira Annes d’Almeida*. Sociedade Bíblica de Portugal, Sociedade Bíblica do Brasil e Difusora Bíblica, 2006.

CADAFAZ DE MATOS, M. *Uma Edição da Batávia em Português no Último Quartel do Século XVII: Diferença da Christandade (1684)*, em versão do P. João Ferreira de Almeida. Lisboa: Edições Távola Redonda, 2002.

GIRALDI, L. A. *História da Bíblia no Brasil*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

GONÇALVES, A. C. Almeida, continua no Brasil. Porto Alegre. *Revista Igreja Luterana*, v. 20, p. 126-127, 1959.

SCHOLZ, V. Bíblia de Almeida: sua origem, as revisões e os princípios envolvidos. In: SEIBERT, E. W. *Fórum de Ciências Bíblicas – Volume 1*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006, p. 7-35.

SCHOLZ, V. *40 anos de Bíblia na Linguagem de Hoje: as grandezas de Deus em nossa própria língua*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

Recebido: 27/11/2015

*Received: 11/27/2015*

Aprovado: 15/01/2016

*Approved: 01/15/2016*